



ALMADA NEGREIROS

OBRA COMPLETA

Organização

ALEXEI BUENO

Introdução

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA



RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR S.A., 1997

BIBLIOTECA
LUSO-BRASILEIRA
Série Portuguesa

ALMADA NEGREIROS
OBRA COMPLETA

em um volume

INTRODUÇÃO GERAL

Nota editorial / Almada Negreiros, letras e artes
Cronologia da vida e da obra
Iconografia

POESIA

FIÇÃO

TEATRO

MANIFESTOS, ENSAIOS, CRÔNICAS E PROSA DOUTRINÁRIA

APÊNDICE

Bibliografia / Índice geral

Primeira edição, 1997

© 1997, by José de Almada Negreiros

Direitos desta edição para todos os países de língua portuguesa adquiridos pela

EDITORA NOVA AGUILAR S.A.

Rua Dona Mariana, 205 - casa 1 - Botafogo - CEP 22280-020

Rio de Janeiro, RJ

Tel./Fax: 537-8275 - 537-7189

ISBN 85-210-0049-0

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

N311a Negreiros, Almada, 1893-1970
Almada Negreiros : Obra completa : volume único / organização,
Alexei Bueno ; introdução, José Augusto França. — Rio de Janeiro :
Nova Aguilar, 1997.
1 v. — (Biblioteca luso-brasileira ; Série portuguesa)

Contém dados biobibliográficos.

ISBN 85-210-0049-0

I. Negreiros, Almada, 1893-1970. II. Bueno, Alexei, 1963-. III. Título.
III. Série.

CDD - 869.8

CDU - 869.0-8

DESEJA-SE MULHER

$1 + 1 = 1$

1928

PRIMEIRO ACTO

QUADRO I

(Boîte de nuit. Pequenas mesas redondas com os baldes do gelo. Um grupo de girls o mais despidas possível dança um número de variedades avançando entre as mesas. / Um criado de cabelo branco empastado de cosmético, farda vermelha e galões de ouro, atende o freguês que está só a uma mesa.)

O CRIADO — V. Exa. espera mais alguém?

FREGUÊS — Sim. Espero. Espero alguém.

(Termina o número das girls. Aplausos. Saem. Voltam à cena. Saem de novo. / Mas o grande êxito é para uma mulher estilizadíssima em grandes decotes no vestido de prata reluzente. / Fuma por uma grande boqui-lha. De todos os lados se aplaude de pé e grita.)

PÚBLICO — A Vampa! Vampa! viva a Vampa! Hurra!

O CRIADO — Aí está ela!

FREGUÊS — Quem é?

O CRIADO — A Vampa. Chamam-lhe a Vampa. É a mascote de nós todos. Tem cá feito uma falta. É a primeira vez que aparece depois da operação. Fizeram-lhe uma operação. Correu tudo muito bem. Deixou de ser mulher. Dizem que deixou de ser mulher. Tiraram-lhe tudo, tudo, tudo. Vazia como uma casca d'ostra.

VAMPA (De pé numa cadeira, abre os braços a pedir silêncio. Cada frase que diz é seguida de aplausos e gargalhadas unânimes do público.) — Eh gajada! Obrigado. Obrigado por tudo. Ainda não foi desta. Tiraram-me todos os parafusos a mais. Vamos lá ver como se aguenta a caranguejola. Recomeço o serviço. Aqui me têm. Estou mais levezinha. Sem contrapesos. Vamos levar isto com genica até ao fim. Tive alta e venho mais baixa. (Faz com os dedos gestos de dinheiro.) Não dá nem p'ra enterro de terceira classe. Obrigado, gajada! Cá estamos p'ràs curvas Fixe! Olé, olé!

(Grande ovação e vivas à Vampa. Desce da cadeira e vai recebendo os abraços e os beijos.)

VAMPA *(Sobe outra vez para a cadeira. Abre os braços a pedir silêncio.)*
— Atenção! Atenção! Notícias da última hora: repouso absoluto, não fumar, não beber, não... não tudo... e o resto também não. Nadinha!

(Estrondosa gargalhada geral. Todos estão cada vez mais excitados. / Ela desce da cadeira e continuam os cumprimentos pessoais. Ao passar pela mesa onde o criado atende o freguês, ela senta-se presa por um braço. É o freguês que a segura pelo pulso. Passiva, encara-o longamente, inclinando por fim a cabeça a um lado e outro, olhando-o sempre a buscar entre recordações.)

VAMPA — Nunca te vi.

FREGUÊS — Nem eu.

VAMPA — Sabias que eu existia?

FREGUÊS — Não.

VAMPA — E agarraste-me logo d'entrada.

FREGUÊS — Logo.

VAMPA — E eu deixo-me agarrar.

FREGUÊS — Fica na minha mesa.

VAMPA — Queres que eu fique contigo?

FREGUÊS — Quero, quero.

(Ela senta-se. Ele larga-lhe o pulso. A Vampa que fala em público não é a mesma com um particular. O seu tique pessoal, quando fala a uma só pessoa, é confidencial, amaneirado à fadista, dando a cada palavra importância que por vezes não tem.)

FREGUÊS — O teu nome?

VAMPA — Já o ouviste.

FREGUÊS — Esse, não. Outro.

VAMPA — Tenho vários nomes.

FREGUÊS — Basta-me um.

VAMPA — O meu nome p'ra ti hás-de pô-lo tu.

FREGUÊS — Fata!

VAMPA — O que é isso?

FREGUÊS — O nome que eu inventei p'ra ti.

VAMPA — Não há outra mulher com esse nome?

FREGUÊS — Impossível: Inventei-o agora mesmo p'ra ti.

VAMPA — Juras?

FREGUÊS — Juro!

VAMPA — Então ficas sabendo: se eu ouvir outra com esse nome...

FREGUÊS — Diz, diz.

VAMPA (*Com a mão em pistola contra ele.*) — Mato-te. (*Dá um estalo com os dedos.*)

FREGUÊS — Sim, sim! Gosto, gosto! Quero, quero!

VAMPA (*Inesperada e repentinamente, ela sobe para a cadeira e depois para a mesa abrindo muito os braços a pedir silêncio.*) — Atenção! Muita atenção! Até nova ordem a Vampa morreu.

(*Desce da mesa para a cadeira e fica sentada à mesa. Música, aplausos e o nome de Vampa mistura-se em grande algazarra com serpentinas, balões, confetti, máscaras, baile e monossílabos.*)

VAMPA (*Como se não se tivesse levantado da mesa.*) — E com esse nome como é que eu tenho de ser?

FREGUÊS — Como tu és.

VAMPA — Sou uma p'ra cada pessoa.

FREGUÊS — P'ra mim serás a minha.

VAMPA — A tua?

FREGUÊS — Sim. Ouve. Tenho um segredo p'ra te contar: tenho uma corda.

VAMPA — Uma corda?

FREGUÊS — Uma corda feita por mim.

VAMPA — Feita por ti?

FREGUÊS — Fi-la eu p'ra ti.

VAMPA — P'ra mim?

FREGUÊS — Eu passo a corda p'la tua cintura.

VAMPA — P'la minha cintura?

FREGUÊS — Dou um nó.

VAMPA — Um nó.

FREGUÊS — E tu ficas minha.

VAMPA — Tua?

FREGUÊS — Sim.

VAMPA — E se eu desatar o nó?

FREGUÊS — Se o desatares não és minha.

VAMPA (*Com a mão em pistola contra ele.*) — E não me matas?